PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 101 OUTUBRO 1975 XI ANO

VIVA O INTERNACIONALISMO DOS POVOS!

NESTE NÚMERO:

PUGNAR POR MELHORES SALÁRIOS

Em face da exploração de que são vítimas, da carestia, da falta de direitos, alastra-se o descontentamento entre os trabalhadores. Já não toleram os pesados custos sociais e políticos para que os generais levem adiante o modelo de desenvolvimento em favor da grande burguesia e dos latifundiários, associados ao imperialismo, em particular o norte-americano. Tendem a travar importantes lutas por suas reivindicações e direitos pois sentem que está na hora de opor uma resistência mais enérgica à política de fome e de arrocho da ditadura militar-fascista. Essa inquietação também se reflete em alguns setores das classes dominantes que, com a redução de seus negócios devido ao estreitamento do mercado interno e ante a possibilidade de explosões sociais, começam a perceber que os salários são incrivelmente baixos. A Associação Comercial de São Paulo organizou um foro de debate sobre o tema. Um diretor de jornal conservador, apologista da política econômica e social da ditadura, Rui Mesquita, disse há pouco que chegou o momento de se modificar a política salarial do governo. Na Câmara dos Deputados constituiu-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito a respeito dessa questão. Em fins de setembro, perante tal Comissão, compareceu o ministro-secretário do Planejamento, Reis Veloso, para dizer que a "Revolução não se solidariza com a atual distribuição de renda, mesmo porque essa distribuição resultou de uma evolução de longo prazo da economia e não de fatores recentes".

Mas o representante de Geisel não se contentou com semelhantes declarações. Foi mais longe. Em sua prolixa explanação pretendeu ainda justificar e camuflar a política de arrocho salarial, ultrapassando os limites de descaramento e demagogia a que tinham atingido os corifeus da ditadura. Com a cara mais deslambida do mundo, alinhou estatísticas para provar que o salário real cresceu 34% entre 1968 e 1975, sendo que "a elevação real do salário médio da indústria de transformação foi de 60%". Defendeu despudoradamente a interferência brutal do governo contra as negociações diretas entre os sindicatos de trabalhadores e os de empregadores, sob a alegação de que antes de 1964 algumas categorias profissionais eram prejudicadas pelos acordos então conseguidos. Teve o desplante de afirmar que a política do arrocho salarial é "consistente com o interesse nacional". Realizou prodígios de malabarismo com os indicadores de saúde, educação, empregos, assistência social, etc., na tentativa de demonstrar que o progresso social nesses onze anos é um fato. Por incrível que pareça, disse que o propósito dos generais é criar uma "sociedade solidária" num "modelo de regime econômico moderno de mercado, com forte conteúdo social". Para mostrar que a pobreza "não é privilégio nosso", comparou o Brasil com os Estados Unidos, onde existem entre 25 e 50 milhões de pessoas pobres "em termos americanos", mas não explicou a pobreza em termos brasileiros. Tratou então de dizer que já é possível melhorar a distribuição da renda "porque já estão superados muitos dos fatores limitativos com que se defrontavam governos anteriores". E quando se podia pensar que ele fosse propor outra política,

saiu-se com sofismas. Revelou que a política de Geisel consiste em evitar "o distributivismo desordenado e a ação demagógica ou paternalista que, frequentemente, solapam as bases do crescimento". Em poucas palavras: quem decide quanto devem ganhar os operários e a forma de distribuir o "bolo de crescimento" são os generais; a insatisfação reinante no meio do proletariado não tem razão de ser. É o que afirma o sr. Veloso.

Seria bom que os operários tomassem nota dessa descabelada e insultante fala ministerial a fim de se aprestarem para uma luta dura, que exigirá unidade, grande determinação e sagacidade de modo a alcançarem seus objetivos.

Não temos dúvidas de que mesmo entre a parte jovem da classe operária há muitos setores que já sabem a significação da derrota das forças populares em abril de 1964 e o preço que estão pagando em proveito da minoria de magnatas nacionais e estrangeiros. O proletariado não esqueceu a perda de conquistas como a jornada de 8 horas de trabalho, que subsiste apenas formalmente, a estabilidade por tempo de serviço, o direito de negociar coletiva e diretamente com os patrões os reajustes salariais, e muitas outras. Seu salário real caiu de mais de 50% nestes últimos dez anos. E quanto mais contingentes são arrebanhados para a indústria, em especial entre as mulheres e as crianças, tanto mais piora relativamente a situação das famílias operárias, ao passo que os lucros dos capitalistas crescem abusiva e fabulosamente. Do ponto de vista social, as condições de ruína e aviltamento físico, moral e intelectual dos trabalhadores encontram eco nos próprios jornais ditos liberais. Tomemos alguns trechos de uma reportagem de página inteira de "O Estado de S. Paulo", quando assumiu o governo o general Ernesto Geisel e intitulada "Este é o Brasil de 15 de março de 1974". Nessa reportagem são focalizados os problemas de saúde, habitação, acidentes de trabalho, previdência social e outros aspectos da qualidade de vida da maior parte da população, sobretudo das camadas mais pobres. É um quadro resumido e bem aproximado da realidade, embora revele em maior número os índices paulistas que, segundo o jornal, "são esclarecedores". Assim, podemos ler: "A taxa de mortalidade infantil em S. Paulo que era de 62,94 para cada 1.000 crianças nascidas vivas, em 1960, aumentou até atingir 88,28 em 1970" (Dados de uma pesquisa realizada pela Secretaria de Saúde de Estado). A respeito de acidentes de trabalho, informa: "Neste dia, 15 de março de 1974, ocorrem 2.000 acidentes de trabalho no Estado de São Paulo. No Brasil, são 10 mil. No final do ano, serão, portanto, mais de 3 milhões de acidentes". Em relação ao INPS: "Para os trabalhadores, os problemas continuam os mesmos de há vários anos: filas intermináveis, casos de doentes mortos pela burocracia e depredações desesperadas de postos de assistência". Sobre a urbanização: "Quase metade das cidades brasileiras não dispõe de serviços de água e esgoto". E o mais sério: "Quarenta milhões de brasileiros estão subnutridos atualmente. Em outras palavras, há fome no Brasil. Uma pesquisa recente mostrou que as famílias com renda inferior a Cr$ 500,00 gastam 48,1% de seu orçamento com alimentação. É uma alimentação insuficiente, pois uma família-padrão brasileira precisaria gastar, no mínimo, entre Cr$ 750,00 e Cr$900,00, para ser bem nutrida. Como não há condições para isso, o trabalhador se alimenta de arroz, feijão, farinha de mandioca, que lhe matam a 'fome de boca' mas deixam o seu corpo enfraquecido". Cremos que isso basta para demonstrar que a si-

tuação social dos trabalhadores brasileiros se agravou nestes anos de ditadura. Sua marginalização é cada dia maior. E se examinarmos a conjuntura sob o aspecto político, a coisa é pior, pois continuam a não gozar dos direitos mais elementares.

É claro que a ditadura militar não utilizou apenas as baionetas para impor sua política de arrocho e fome. Recorreu a mentiras, a promessas de toda ordem. Logo, porém, as ilusões se desvaneceram. E o movimento operário, na medida em que voltava a se reanimar, era submetido a uma repressão mais severa, através de arbitrariedades, perseguições, prisões, torturas e assassinatos. Não obstante, continuou em efervescência. No tempo de Médici, os chamados "impactos sociais" foram rapidamente desmascarados como farsas. E agora, Geisel, falando contra o "distributivismo emocional", dando um abono eleitoreiro, fazendo novas manobras, teve a mesma sorte. Em Salzburgo, seus ministros, ao explicar aos banqueiros estrangeiros que no Brasil eles estariam garantidos porque os salários só se reajustam por meio de "cálculos matemáticos" e não de pressões ou greves, devem-se ter esquecido de que os trabalhadores já haviam manifestado seu repúdio à ditadura, derrotando-a nas eleições de 15 de novembro passado.

De modo que as novas fórmulas de governo Geisel encontrarão os trabalhadores muito mais despertos e dispostos a levar adiante sua luta por aumento de salários, contra o arrocho salarial, pela livre negociação de seus contratos coletivos de trabalho com os patrões, pela reconquista de direitos suprimidos pelo regime fascista. Eles se convencerão do que quer dizer na prática "a sociedade solidária" entre operários e capitalistas. Tal patranha não os enganará jamais. Os generais, diante da crise do modelo econômico e da inflação, querem que eles trabalhem mais, façam maiores sacrifícios e ganhem um salário comparativamente menor enquanto os capitalistas auferem lucros ilimitados, acumulando riqueza e vivendo como nababos. Os operários compreendem cada vez melhor que seu supremo dever é alcançar o poder político, abolir a escravidão assalariada, liquidar o capitalismo e construir uma sociedade socialista onde não haja nem explorados nem exploradores. Mas para isso terão de contribuir decisivamente para a derrubada da ditadura militar fascista. Assim sua luta atual por aumento de salários e outros direitos é condição indispensável para que assumam o papel de vanguarda que lhes cabe nos destinos do povo e do país.

Por uma Constituinte livremente eleita!

Pela abolição de todos os atos e leis de exceção!

Por anistia geral!

VIVA A CHINA POPULAR!

Mensagem enviada ao Partido Comunista da China pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Ao Presidente Mao Tsetung
Ao Comitê Central do Partido Comunista da China

Prezados camaradas:

Os comunistas brasileiros, exprimindo os melhores sentimentos das forças populares e revolucionárias do seu país, saúdam-vos fraternal e calorosamente, assim como o vosso heróico povo, pela passagem do 26° aniversário da vitória da Revolução Chinesa e do estabelecimento da República Popular da China.

1° de outubro representa acontecimento memorável. Coroou de forma brilhante a prolongada luta armada dirigida pelo Partido Comunista para derrubar as classes dominantes traidoras e expulsar os imperialistas invasores. Abriu para vossa pátria uma era de transformações revolucionárias, ao mesmo tempo que impulsionou de modo vigoroso o movimento emancipador, democrático e socialista no mundo inteiro. O sistema imperialista sofreu profundo golpe, do qual jamais se pôde recuperar. Com a instauração do novo Poder, a nação chinesa, antes privada de direitos, atrasada e sujeita a toda a sorte de vexames, apareceu pela primeira vez na cena histórica solidamente unida, colocando-se de pé, assenhoreando-se de seu destino. Assim, deu início a um desenvolvimento independente, baseado nas próprias forças e de conformidade com seus legítimos interesses, visando a assegurar uma vida livre e de bem-estar para as centenas de milhões de seus filhos. Apesar das inumeráveis dificuldades com que se defrontaram, as massas populares chinesas puseram em jogo sua inteligência, energia e entusiasmo e, num ritmo sem precedentes, atiraram-se à execução da tarefa de edificação do socialismo, de abolição do regime assalariado, de eliminação da exploração do homem pelo homem. Dessa forma, em pouco tempo, foram realizadas prodigiosas alterações na fisionomia do país.

A China é uma nação socialista que avançou espetacularmente nos terrenos econômico, político, cultural e de defesa nacional. Tornou-se admirada, respeitada e estimada não só pelos seus êxitos como também pela aplicação de uma política externa internacionalista proletária que, sendo de coexistência pacífica e de amizade com as demais nações, defende de maneira firme a luta dos povos por sua independência nacional e pela igualdade de direitos de todos, grandes ou pequenos. Converteu-se num poderoso baluarte da causa da revolução e do socialismo em todo o mundo, tendo demonstrado mais de uma vez que não teme os ataques desesperados do imperialismo norte-americano nem as ameaças do social-imperialismo soviético.

Tão árduo mas glorioso caminho, o povo chinês percorreu sob a sábia orientação do grande e correto Partido Comunista da China e do seu provado chefe,

o camarada Mao Tsetung. Inspirando-se no pensamento marxista-leninista de Mao Tsetung, o proletariado, os camponeses e demais trabalhadores conseguiram triunfar sobre os inimigos internos e externos e realizaram notáveis façanhas na obra de construção da nova sociedade. Nas condições do socialismo, promoveram a Grande Revolução Cultural Proletária, a fim de combater o revisionismo, impedir a volta do capitalismo, consolidar a ditadura do proletariado e elevar a atividade consciente das massas, medidas indispensáveis à continuidade da Revolução.

Os comunistas brasileiros alegram-se de vossas conquistas e procuram aprender com vossas riquíssimas experiências. Compreendem que a história colocou a nação chinesa numa das posições mais avançadas da humanidade progressista, com projeção e influência relevantes. Estão jubilosos de poderem novamente proclamar sua simpatia e seu apoio ao trabalho abnegado de seu povo, de solidarizar-se com seus esforços. Têm consciência da importância de seu exemplo magnífico, e a certeza de que podem contar com sua amizade e ajuda desinteressada na luta sem tréguas em que se empenham no Brasil contra o imperialismo ianque e a ditadura dos generais fascistas, bem como contra as investidas solertes do social-imperialismo russo, ávido de domínio do mundo.

Novos e maiores êxitos são os augúrios que fazemos pelo prosseguimento sem interrupções da edificação socialista. Que a bandeira vermelha da Revolução e do marxismo-leninismo alcance novas alturas em vossas mãos! Que a unidade entre nossos dois povos e nossos dois Partidos se fortaleça a bem da luta comum do proletariado e dos povos oprimidos dos diferentes países!

20 de setembro de 1975

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

DESTEMIDO LUTADOR PROLETÁRIO

De arma nas mãos, batendo-se contra o Exército das oligarquias colombianas, tombou heroicamente, no mês passado, Pedro Leon Arboleda, também conhecido como o camarada Ivã, Secretário-geral do Partido Comunista da Colômbia (marxista-leninista) e Comissário Político do Exército Popular de Libertação da Colômbia. Com o camarada Ivã, o proletariado e o povo da nação irmã perdem um de seus valorosos filhos, vêem-se privados de um líder experimentado, patriota autêntico e intransigente defensor dos oprimidos e explorados de seu país. Os revolucionários da América Latina e os marxistas-leninistas desse Continente e do mundo, sentindo a perda de um de seus quadros mais avançados, reverenciam com pesar, respeito e orgulho a memória do camarada Ivã.

Vendo-se envolvido por um traiçoeiro cerco inimigo, de mais de 300 homens, em Cáli, Pedro Leon não se entregou. Preferiu resistir denodadamente, até cair sem vida, projetando mais alto ainda, nos céus de sua Pátria e de toda a América Latina, a bandeira da rebelião dos explorados e oprimidos, afirmando a nobre atitude de adesão completa à luta armada revolucionária e o vitorioso caminho da guerra popular prolongada. O exemplo de sua vida florescerá nas terras colombianas. Seus companheiros de combate e seus camaradas de Partido saberão honrar sua memória, perseverando na luta pela qual ele deu a vida, demandando a vitória que cedo ou tarde chegará.

Pedro Leon Arboleda não é o primeiro secretário-geral do Partido e Comissário Político do Exército Popular que sucumbe aos golpes do Exército reacionário da Colômbia. Antes dele, em 1968, Pedro Vasquez teve idêntico fim. Muitos outros marxistas-leninistas e combatentes em geral também já regaram com seu sangue o solo da Pátria colombiana que desejaram, um dia, livre. A luta nacional e a luta de classes naquele país andino desenvolve-se de forma particularmente encarniçada.

País submetido ao imperialismo norte-americano, são grandes os problemas que o povo enfrenta para construir uma sociedade livre, sem opressão e exploração. Na esteira do desenvolvimento capitalista dependente, que avançou pelo país nos últimos anos, veio todo o conhecido séquito de malefícios sociais que se observa em situações análogas, tais como deformação da economia, crescente desigualdade entre cidade e campo, desproporção no crescimento entre setores diversos, pauperização das amplas massas, desemprego, fosso profundo entre ricos e pobres, etc. Especialmente no campo, a situação é vexatória e explosiva. A massa camponesa foi enxotada brutalmente de suas terras, dando origem ao fenômeno cujo drama é acobertado sob a denominação de "êxodo rural". Estatísticas recentes mostram que, enquanto as cidades tinham um aumento desordenado da ordem de 6 a 9% ao ano, o campo só conseguiu atingir a marca dos 0,6%. As massas camponesas precipitaram-se para os centros urbanos em busca de melhores dias. Não os encontraram, porém. Perfilaram-se então, nas perife-

rias das cidades, no que as classes dominantes lá chamam de "zonas negras" e que os comunistas apelidaram de "cinturões vermelhos".

A luta do campesinato, sob a forma de luta guerrilheira, desencadeou-se pelo país a fora a partir de 1949 e não mais cessou até hoje, vinte e seis anos de guerrilhas quase contínuas. Tal como a centelha que incendeia a pradaria, a chama da guerra de guerrilha alastrou-se pelo campo colombiano e plantou raízes profundas no seio da massas. Já em 1973, 76 mil camponeses lutavam de armas em punho em inúmeros agrupamentos guerrilheiros. A pressão dos lavradores e patriotas aumentou a tal ponto que o governo se viu obrigado a proceder a uma acanhada reforma agrária em 1956. O movimento popular colheu vitória parcial e acumulou experiência. As classes dominantes, ante o vulto que a luta guerrilheira estava tomando, trataram de aparelhar-se da melhor forma para golpear as forças populares. Com financiamento, armamento e orientação norte-americanos as oligarquias colombianas foram montando um aparelho repressivo dos mais sofisticados do Continente. A base desse aparelho é a força armada da Colômbia que tem no Exército regular um destacamento especializado em guerra anti-povo, guerra antiguerrilheira. O laboratório principal de seu aprendizado é a luta contra os camponeses locais, alvos das mais sangrentas perseguições e arbitrariedades. Mas funciona também no país uma Escola de Contra-Guerrilha, famosa pela perfídia com que instrui em táticas de combate contra o povo seus alunos colombianos e de outras origens, entre as quais o Brasil.

Em 1958, o governo lançou o movimento chamado de "reabilitação", com o fito de corromper os camponeses mais atrasados, atraí-los com prêmios e transformá-los em seus agentes. Houve os que se entregaram. Alguns deles receberam a "tarefa" de trair os companheiros. Outros foram enxotados para lugares distantes e transformaram-se em bandoleiros. Finalmente, fuzilaram os mais decididos e persistentes. Mas a guerrilha não acabou. Ao contrário, tomou novo ímpeto em 1959, quando os comunistas se empenharam em dinamizá-la.

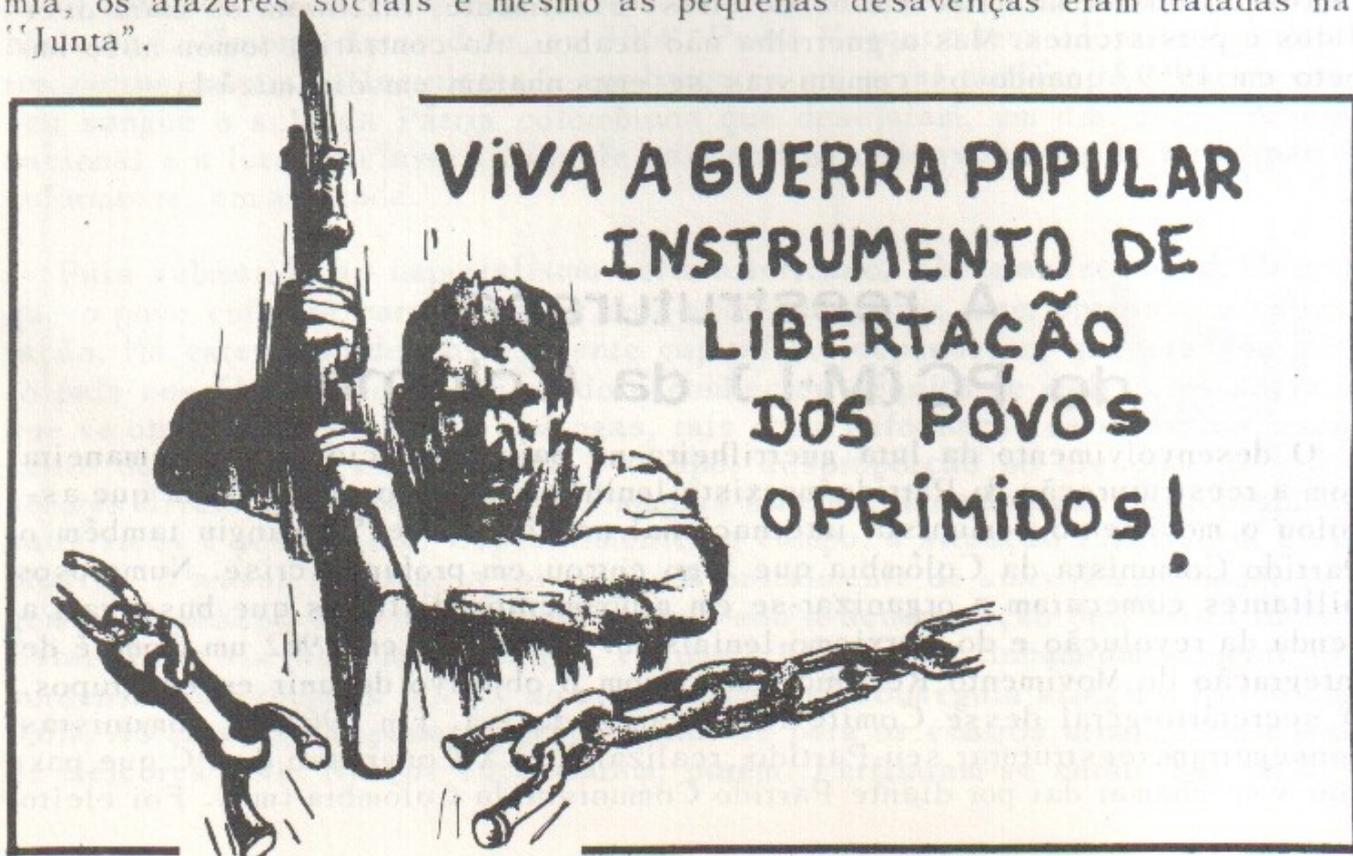
A reestruturação do PC(M-L) da Colômbia

O desenvolvimento da luta guerrilheira no país beneficiou-se sobremaneira com a reestruturação do Partido marxista-leninista. O surto revisionista que assolou o movimento comunista internacional na década de 50 atingiu também o Partido Comunista da Colômbia que logo entrou em profunda crise. Numerosos militantes começaram a organizar-se em grupamentos distintos que buscavam a senda da revolução e do marxismo-leninismo. Formou-se em 1962 um Comitê de Integração do Movimento Revolucionário com o objetivo de unir esses grupos. O secretário-geral desse Comitê foi o camarada Ivã. Em 1965 os comunistas conseguiram reestruturar seu Partido, realizando o X Congresso do PC que passou a se chamar daí por diante Partido Comunista da Colômbia (m-l). Foi eleito

para o cargo de Secretário-geral Pedro Vasquez, membro do Comitê Central do antigo Partido. Então, os comunistas, que desde 1959 participavam dos movimentos guerrilheiros que existiam espontaneamente, passaram a concentrar esforços nas guerrilhas do nordeste do país, zonas do alto Sinu e São Jorge.

O trabalho de massas foi incrementado. Organizaram-se sindicatos, ligas camponesas, comités de pais de família. Em região paupérrima, com alto grau de analfabetismo e precárias condições sanitárias, implantaram-se escolas de alfabetização e cursos de saúde. Apresentavam-se reivindicações aos organismos oficiais. Se não eram atendidas, procuravam-se as formas de resolver os problemas com os recursos locais. "Grupos de trabalho", "Brigadas de Produção" e outros agrupamentos ajudavam nos trabalhos agrícolas. Crescia-se, aproveitando a relativa fraqueza dos organismos repressivos da região.

Em agosto de 1966, foi constituído o primeiro destacamento guerrilheiro da área, para fazer frente às ameaças dos latifundiários e do Exército reacionário. Os choques ampliaram-se em 67 e chegaram ao auge em 1968 quando o Exército desencadeou uma furiosa campanha de cerco e aniquilamento que durou de maio a agosto. As tropas semearam o terror junto aos camponeses. Destruiram colheitas, queimaram casas, saquearam, assassinaram. Mas as forças guerrilheiras souberam aproveitar política e militarmente os acontecimentos e, ao findar a campanha, estavam com oito destacamentos guerrilheiros estruturados. Foi então que morreu Pedro Vasquez, sofrendo a guerrilha um rude golpe. As forças do governo perderam mais de 200 homens e tiveram inúmeros feridos.

No ano que se seguiu, desenvolveu-se intenso trabalho de massas por parte da guerrilha. O ponto alto foi a organização das "Juntas Populares", germes do nascente poder novo local. A reestruturação e certa planificação da economia, os afazeres sociais e mesmo as pequenas desavenças eram tratadas na "Junta".

Em agosto de 1969, o Exército, conhecido no meio camponês como "Exército Títere", para diferenciá-lo do Exército Popular, desencadeou sua segunda campanha que iria estender-se até janeiro de 1970. O "Exército Títere" empregou nessa campanha grupos altamente especializados, lá chamados de "lanceiros". Utilizou helicópteros e recorreu aos campos de concentração onde prendia a população rural. A guerrilha, empregando intensamente a tática das retiradas, das pequenas ações, dos movimentos rápidos, conseguiu expressivas vitórias, acumulou razoável força, estendeu bastante sua influência. Derrotada a segunda campanha inimiga, o EPL contava com 17 destacamentos guerrilheiros.

No curso de 1970, o "Exército Títere" começou a estabelecer-se na periferia da zona guerrilheira. Aquartelando-se aí, passou a realizar pequenas incursões de grupos militares especializados no interior da zona, fazendo dessas ações a sua nova rotina. Sistematizou os bombardeios aéreos e os sequestros de lavradores a partir de descidas rápidas de helicópteros. Os camponeses assim raptados eram largados às vezes a mais de mil quilômetros de distância, como mendigos. Até um falso agrupamento guerrilheiro, o "Los Giles", foi montado para tentar desprestigiar a guerrilha junto às massas com a prática de ações provocadoras. Em 1972/1973, o "Exército Títere" intensificou os bombardeios das colheitas com o propósito de privar as massas de seus gêneros alimentícios, desgastá-las moralmente, depauperá-las. E a guerrilha, que havia atingido importantes êxitos, experimentou certas dificuldades. Mas em setembro de 1974 conseguiu importante vitória política, ganhando o apoio da Associação Nacional dos Usuários Camponeses – ANUC, que realizou nesse mês uma reunião com a participação de mais de 10 mil delegados. Os guerrilheiros passaram então a organizar "comandos" que incursionavam pelos territórios inimigos e até pelas cidades, com o objetivo de aniquilar forças títeres e desgastar o Exército regular.

A guerrilha na Colômbia, como em outros lugares do Continente, enfrenta sérios problemas para seu desenvolvimento. As forças reacionárias, apoiadas solidamente pelo imperialismo norte-americano, lançam mão dos meios mais bárbaros, do terrorismo mais aberto, do assassinato mais despudorado a fim de impedir o avanço do movimento popular e o crescimento de forças armados do povo. Mas, a sanha furibunda com que se jogam contra o povo deixa entrever, claramente, o desespero de que se acham possuídas, o pânico com que sentem o tempo trabalhando contra os seus planos, o futuro esperando-as firme para o julgamento duro e irrecorrível dos seus embustes, patranhas e crimes.

O movimento guerrilheiro da América Latina é uma necessidade das forças amantes da liberdade e do progresso social do Hemisfério. E, tal como esta liberdade e este progresso social se encontram no desdobramento inevitável do processo histórico, também as forças guerrilheiras que fazem dessas metas supremas a sua razão de ser verão seguramente os seus fins alcançados.

MENSAGEM AO PC (M-L) DA COLÔMBIA

Ao Comitê Central do Partido Comunista da Colômbia (m-l)

Prezados camaradas:

Com imenso pesar e, ao mesmo tempo, com sentimento de revolta recebemos a dolorosa notícia do assassinato do camarada Pedro Leon Arboleda – Secretário Político do Comitê Central do Partido Comunista da Colômbia (m-l) e Comissário Político do Exército Popular de Libertação – praticado pelas tropas da reação colombiana a serviço dos imperialistas ianques.

Impregnados de ódio ao povo e desesperados ante o avanço do movimento progressista, o Governo e as Forças Armadas da Colômbia recorrem aos métodos mais bestiais a fim de conter a luta dos operários, camponeses e estudantes, dos patriotas e democratas, assim como dos heróicos guerrilheiros do Sinu, S. Jorge e Cauca que perseguem elevados objetivos – a liberdade, a terra para os que nela trabalham, a independência nacional. O alvo principal de seus ataques sanguinários é o glorioso Partido Comunista da Colômbia (m-l), partido revolucionário da classe operária, forjado no combate aos traidores revisionistas e aos opressores da grande nação andina.

Pedro Arboleda caiu como um bravo. Soube honrar o título de membro da vanguarda proletária e combatente de primeira linha dos interesses das massas populares. Sua morte constitui duro golpe para o movimento revolucionário da Colômbia e do Hemisfério que tinha nele um dos seus mais destacados e lúcidos dirigentes. Mas a causa que ele defendeu até o último alento é invencível. Nenhuma força repressiva será capaz de esmagar os anseios de libertação do povo da Colômbia, dos povos da América Latina. Novos e destemidos lutadores ocuparão o lugar dos que tombaram na ação decidida e consequente. Seu nome e seu exemplo – como o de Pedro Vasquez, vítima também da sanha assassina dos reaccionários colombianos – servirão de bandeira e de estímulo aos revolucionários de hoje e de amanhã para levar adiante e até à vitória os nobres ideais da emancipação nacional e social dos trabalhadores e do povo irmão.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, profundamente consternado, inclina suas bandeiras de combate em homenagem ao camarada Pedro Leon Arboleda, morto em seu posto de luta. E transmite aos companheiros colombianos suas mais sentidas condolências por esse infausto acontecimento.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil
15 de setembro de 1975

CORRUPÇÃO DESBRAGADA

Afrouxando um pouco o garrote da censura a alguns orgãos de imprensa, uma enchente de denúncias sobre a corrupção inundou as páginas dos jornais mostrando, à desinformada opinião pública, os desmandos que vêm sendo praticados pelos governantes militares e seus asseclas, com os dinheiros da nação. As denúncias referem-se principalmente ao período do governo Médici quando, a par do banditismo desenfreado que o caracterizou, a corrupção nas altas esferas governamentais campeou livremente.

Protegidos pelo completo amordaçamento da imprensa, pelos atos institucionais e pela repressão fascista, ministros, governadores, directores de empresas estatais e mistas, em boa parte oficiais das Forças Armadas, escolhidos cuidadosamente pelos critérios da chamada Segurança, lançaram-se a um frenético enriquecimento ilícito usando as vantagens que lhes conferiam seus altos cargos.

Um dos sectores mais largamente utilizados para isto foi o das obras públicas em todos os níveis da administração, destacando-se as do Ministério dos Transportes durante a gestão do coronel Mário Andreazza. Tornaram-se já famosos os escandalos ligados às contas do DNER examinadas pelo Tribunal de Contas da União. Entre as irregularidades apontadas estão as relacionadas com as obras de prazos e orçamentos estourados: Rodovia Mineira, planejada para ter dois trechos, cada um no montante de 1,7 milhão de cruzeiros acabou custando 63 e 69 milhões, respectivamente e levando de oito a nove anos para ser concluida quando o prazo estipulado fora de 720 dias; rodovia entre Aparecida do Norte e São José dos Campos, de apenas 80 quilômetros, que deveria custar 13 milhões e ser entregue em 540 dias, importou em 60 milhões e levou 2 mil dias para ser terminada; a ponte Rio-Niterói orçada em 200 milhões de cruzeiros saiu pela exorbitância de 2,5 bilhões, quantia suficiente para a construção de outras duas pontes semelhantes; a rodovia Transamazônica, que já consumiu milhões e muita propaganda governamental como "grande realização da Revolução", não passa de um caminho na selva, onde o trânsito é praticamente impossível como registou a imprensa. Diante de tais denúncias, porém, a TCU limitou-se unicamente a aplicar simples penas simbólicas aos ex-directores do DNER. Sabe-se, no entanto, que o próprio Andreazza esteve no Tribunal de Contas pressionando a fim de que as obras não fossem julgadas pelos "meios utilizados" para sua realização.

A impunidade para os corruptos, principalmente em se tratando de militares, mesmo diante de denúncias fundamentadas, tem sido rotina nos últimos anos. Ainda recentemente isto ficou bem claro. Denúncias publicadas nos Estados Unidos sobre as atividades da Northtrop, fabricante de caças supersônicos, envolveram o nome de alguns oficiais da Aeronáutica brasileira subornados regiamente pela empresa norte-americana para promoverem a venda de seus aviões no Brasil (42 aviões F-5 da Northtrop foram adquiridos durante o governo Médi-

ci). A FAB nada mais fez que pedir um desmentido público da empresa ianque, como se isso tivesse qualquer valor probatório de honestidade. Em seguida, considerou o caso encerrado. É conhecido também o fato de empresas estrangeiras entregarem a direção de suas filiais no Brasil a oficiais das Forças Armadas, saídos dos altos postos dos sucessivos governos militares, para através deles obterem concessões, regalias e privilégios onerosos à nação. É de se perguntar então: quem vai mexer no bolo da corrupção generalizada no governo quando os pasteleiros são as empresas imperialistas e os comensais oficiais das Forças Armadas, detentoras do Poder? Evidentemente não serão os militares. Ainda agora a ditadura ensaia abertamente a defesa e o resguardo dos ladrões e negocistas ocupantes de postos governamentais. O ministro da Justiça, assim como a cúpula militar do regime, ameaçam investigar a origem das denúncias de corrupção, que consideram de fundo subversivo, tendo em vista punir não os corruptos mas quem toma a iniciativa de apontá-los à nação.

A corrupção, inerente ao sistema capitalista, chegou ao Brasil a esse grau de exacerbação devido ao regime ditatorial vigente. Num regime onde o ditador de plantão e um punhado de oficiais de alta patente mandam discricionariamente no país, munidos de atos fascistas como o AI-5, não permitem o debate, uma imprensa livre, manifestações populares e consequentemente o controle do povo sobre os atos do governo, é inevitável a proliferação da corrupção. O deputado Válter Silva, do Estado do Rio de Janeiro, falando sobre o assunto, pôs em evidência o problema: "Corruptos e corruptores, afirmou, confiam sempre no silêncio imposto à nação pelo próprio sistema; em regime democrático normal esses crimes não seriam cometidos com tanta frequência e desenvoltura como o são em governos de força". Portanto, a encenação do governo de Geisel de aplicar o AI-5 ao caso Moreno, de Pernambuco, supostamente para condenar crimes de corrupção, não passou de mistificação grosseira e mera demonstração de força. Os grandes corruptos são os militares que aí estão agindo livremente, gozando os benefícios monetários advindos de seus cargos e da mordaça imposta ao povo pela ditadura.

Para acabar com a corrupção é preciso, antes de tudo, acabar com o regime ditatorial militar.

—

"As armas da crítica não podem, de fato, substituir a crítica das armas; a força material tem de ser deposta por força material, mas a teoria também se converte em força material, uma vez que se apossa dos homens".

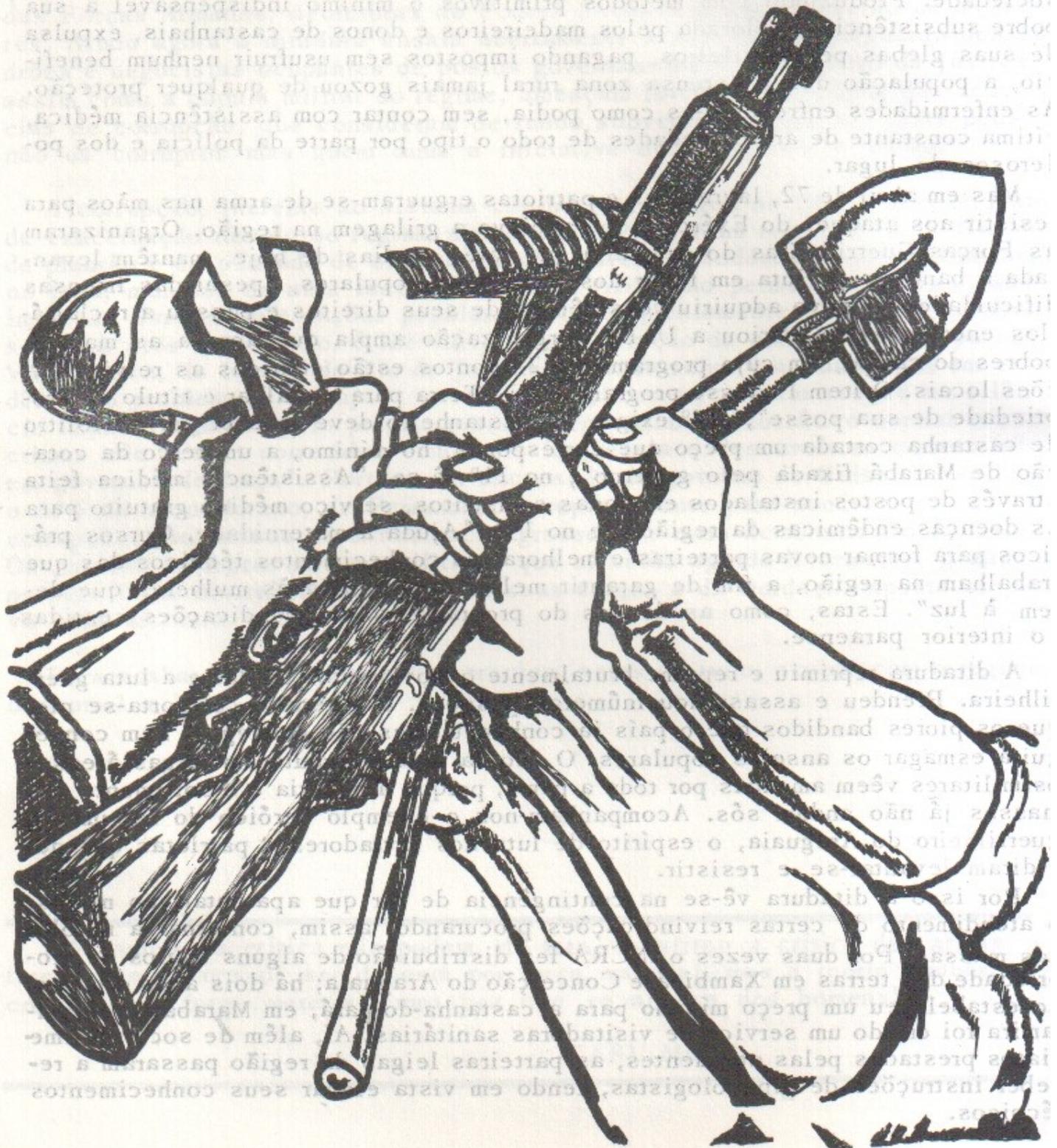
KARL MARX

SEM LUTA NADA SE CONSEGUE

Os moradores do sul do Pará sempre viveram nas condições de párias da sociedade. Produzindo com métodos primitivos o mínimo indispensável à sua pobre subsistência, explorada pelos madeireiros e donos de castanhais, expulsa de suas glebas pelos grileiros, pagando impostos sem usufruir nenhum benefício, a população dessa extensa zona rural jamais gozou de qualquer proteção. As enfermidades enfrentava-as como podia, sem contar com assistência médica, vítima constante de arbitrariedades de todo o tipo por parte da polícia e dos poderosos do lugar.

Mas em abril de 72, lavradores e patriotas ergueram-se de arma nas mãos para resistir aos ataques do Exército que apoiava a grilagem na região. Organizaram as Forças Guerrilheiras do Araguaia que, até os dias de hoje, mantêm levantada a bandeira de luta em favor dos interesses populares, apesar das imensas dificuldades. O povo adquiriu consciência de seus direitos e passou a reclamá-los energicamente. Criou a ULDP, organização ampla que agrupa as massas pobres do campo, em cujo programa de 27 pontos estão contidas as reivindicações locais. O ítem 1º desse programa diz: "Terra para trabalhar e título de propriedade de sua posse"; o 5º exige: "O castanheiro deve receber por hectolitro de castanha cortada um preço que corresponda, no mínimo, a um terço da cotação de Marabá fixada pelo governo"; no 11º lê-se: "Assistência médica feita através de postos instalados em zonas e distritos, serviço médico gratuito para as doenças endêmicas da região"; e no 15º: "Ajuda à maternidade. Cursos práticos para formar novas parteiras e melhorar os conhecimentos técnicos das que trabalham na região, a fim de garantir melhor assistência às mulheres que derem à luz". Estas, como as demais do programa, são reivindicações sentidas no interior paraense.

A ditadura reprimiu e reprime brutalmente o movimento popular e a luta guerrilheira. Prendeu e assassinou inúmeras pessoas. O Exército comporta-se pior que os piores bandidos que o país já conheceu. Mas não conseguiu nem conseguirá esmagar os anseios populares. O eco da luta repercute em largas áreas e os militares vêem ameaças por toda a parte, porque a miséria e o sofrimento das massas já não andam sós. Acompanham-nos o exemplo heróico do movimento guerrilheiro do Araguaia, o espírito de luta dos lavradores e patriotas que decidiram levantar-se e resistir.

Por isso a ditadura vê-se na contingência de ter que aparentar, ao menos, o atendimento de certas reivindicações procurando, assim, contornar a revolta das massas. Por duas vezes o INCRA fez distribuição de alguns títulos de propriedade das terras em Xambioá e Conceição do Araguaia; há dois anos o governo estabeleceu um preço mínimo para a castanha-do-pará, em Marabá; e em Altamira foi criado um serviço de visitadoras sanitárias. Aí, além de socorros imediatos prestados pelas atendentes, as parteiras leigas da região passaram a receber instruções de ginecologistas, tendo em vista elevar seus conhecimentos técnicos.

Os moradores da região, sabem, porém, que estes benefícios de alcance limitado, não são dádivas do governo. São conquistas da luta dura e difícil dos combatentes do Araguaia. Foram eles que levantaram com firmeza e bem alto essas exigências, derramaram e derramam seu sangue pela causa do povo. Os dominadores não dão nada de graça às massas. Tudo quanto estás obtêm é sempre resultado da união e das acções decididas que empreendem. Até há pouco, não se ouvia falar de enfermeiras, de formação de parteiras, de preço mínimo da castanha por parte dos governantes. Agora, estas coisas começam a se tornar realidade, ainda que em escala diminuta e servindo a uma exígua parcela da população. É que o tiro dos guerrilheiros – como dizem os lavradores – ecoa longe, chega até Brasília e então a voz dos que produzem pode ser ouvida. Quando se vêem acossados pelo movimento popular, os generais tratam de improvisar medidas demagógicas pretendendo, dessa forma, esvaziar a resistência dos opositores. Longe, porêm, de esvaziá-la, cresce e ganha força.

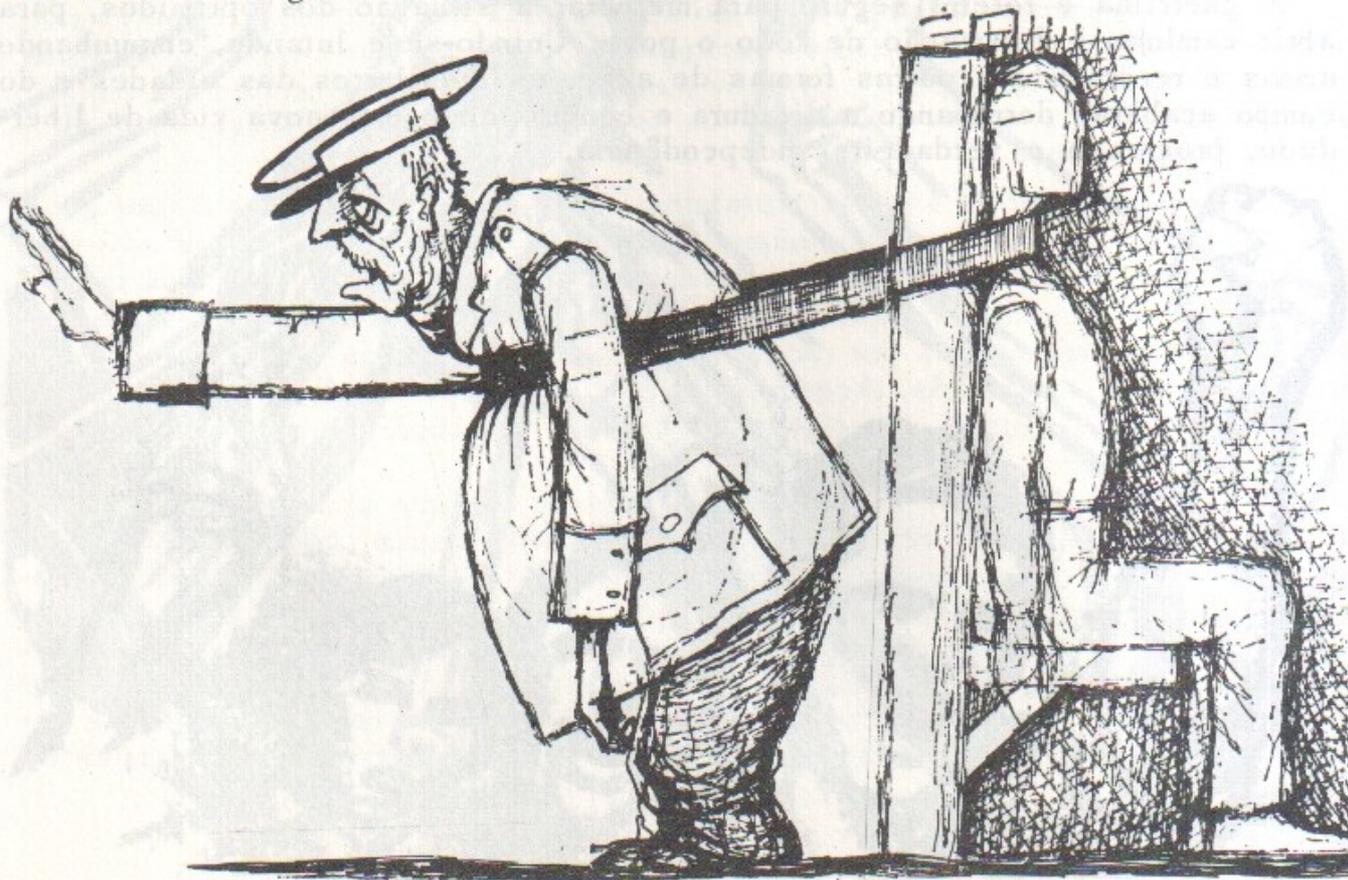
Jamais os que exercem o Poder atualmente satisfarão os verdadeiros e profundos anseios da gente pobre do campo. Sua política é a dos latifundiários, dos grandes capitalistas daqui e de fora, dos generais arrogantes e fascistas. Por isso, as arbitrariedades persistem, a grilagem prossegue em escala ascendente, o povo continua perseguido e oprimido. A Amazônia está sendo entregue de mão beijada aos espoliadores estrangeiros, enquanto os camponeses são daí expulsos ou proibidos de ocupar áreas devolutas. Os moradores do sul do Pará tiram suas conclusões: somente a luta é capaz de dar aos trabalhadores do interior aquilo a que fazem jus; os interesses das massas só poderão ser resolvidos através da luta armada. Isto é o que ensina a experiência do Araguaia.

A guerrilha ê roteiro seguro para melhorar a situação dos oprimidos, para abrir caminho à libertação de todo o povo. Unindo-se e lutando, empunhando armas e recorrendo a outras formas de ação, os brasileiros das cidades e do campo acabarão derrubando a ditadura e conquistando uma nova vida de liberdade, progresso e verdadeira independência.

BANDITISMO FRANQUISTA

Enorme repercussão alcançou a condenação à morte e o fuzilamento de pa triotas e revolucionários espanhóis pelo regime franquista. Por toda a parte manifestou-se a indignação das massas populares contra o furor assassino do bando de criminosos que oprime os trabalhadores e o povo. No interior de Es panha, elevaram-se vigorosos protestos. A classe operária, nas províncias bas cas, levantou-se em greve, e demonstrações de diferentes níveis tiveram lugar em Madrid e em muitas outras cidades.

A luta abnegada e heróica do povo espanhol comoveu o mundo inteiro. Ele enfrenta um regime sanguinário que se instalou com a ajuda direta de Hitler e Mussolini e que se mantém até hoje graças ao constante apoio dos imperialistas norte-americanos. Há quatro décadas, as forças mais retrógradas e obscurantis tas da Europa tiranizam a grande nação ibérica, ansiosa de liberdade, indepen dência e justiça social.

O ódio da ditadura fascista volta-se sobretudo contra a FRAP, que reúne em frente-única os combatentes antifascistas, contra o Partido Comunista (marxis ta-leninista), vanguarda do proletariado, e contra a ETA, organização dos auto nomistas bascos. É que estas correntes têm uma compreensão clara de que o fascismo não cairá por si mesmo nem através de cambalachos com partidários do atual regime. Ao contrário dos revisionistas da marca de Santiago Carrillo que rastejam em torno do Exército e dos monarquistas pretendendo uma "saída pacífica", a FRAP, o Partido Comunista (m-l) e a ETA confiam no povo e crêem que somente a luta decidida e a união das grandes massas podem derrubar Fran co e os seus generais fascistas.

Essa luta tem alcance mundial. Ao mesmo tempo que golpeia o franquismo contribui para reforçar o movimento contra a reação e o fascismo. Não por acaso, nas demonstrações de rua em Paris, os manifestantes quebravam, além das vitrines das agências e representações espanholas, também as de jornais de direita da França e do Banco do Brasil, na avenida dos Campos Elíseos. O fascismo instalou-se em muitos lugares, há torturadores e assassinos de patriotas e democratas na Europa, América do Norte e América Latina, África e Ásia. Por isso, as manifestações em qualquer parte contra as violências fascistas encontram ressonância internacional

As forças progressistas do mundo inteiro apoiam o povo espanhol. Os brasileiros, sempre solidários com os que lutam na Espanha, condenam os crimes de Franco e seus sequazes. Apesar da repressão, setores democráticos verberaram as sentenças dos tribunais militares condenando à pena capital revolucionários consequentes. Do fundo da clandestinidade em que se encontra, o Partido Comunista do Brasil ergueu seu protesto e expressou sua solidariedade aos que combatem pela causa do povo.

Os fascistas podem ainda assassinar seus adversários políticos. Mas não poderão sustentar por muito tempo um regime podre, encharcado de sangue e de lama, corrompido até à medula. O sacrifício de vida dos jovens revolucionários mártires da liberdade, acabará despertando milhares de novos lutadores que sabem ser melhor morrer de pé do que viver agachado.

MENSAGEM AO PC DA ESPANHA (M-L)

Ao Comitê Central do Partido Comunista de Espanha (marxista-leninista)

Prezados camaradas

Com a mais viva indignação, tomámos conhecimento do julgamento e condenação de patriotas, democratas e revolucionários, sem o mínimo direito de defesa, por tribunais militares espanhóis que não passam de dependência da polícia política do infame regime franquista. Entre os condenados à morte, ao garrote vil dos tempos medievais, encontram-se valorosos militantes do Partido Comunista de Espanha (m-l), fiel combatente dos interesses populares, assim como membros da FRAP, organização de frente-única que congrega amplos setores sociais.

Expressamos aqui nossa decidida solidariedade ao Partido do proletariado e as vítimas da reação fascista. E levantamos nossa voz para protestar contra esse bárbaro crime de Franco e seus seguidores, dos militares sanguinários que os sustentam. Estamos certos de que esta atitude corresponde aos sentimentos dos trabalhadores e do povo brasileiro que odeiam o fascismo e sempre se colocaram ao lado dos democratas e revolucionários espanhóis.

Compreendemos que o banditismo de Franco e dos militares, inimigos mortais da grande nação ibérica, não é sinal de força e estabilidade. Bem ao contrário. É sintoma de decomposição e desespero, de isolamento crescente, de medo do furacão antifranquista que se está formando em terras de Espanha e levará, mais dia menos dia, à derrota do odiado regime que oprime o país há dezenas de anos. Esse bando de criminosos, cuja tarefa principal foi afogar em sangue as mais sentidas aspirações nacionais e populares, teme o veredicto da História. Recorre a procedimentos selvagens tentando adiar seu fim onglório. Mas sua derrota é inevitável. As tiranias não duram todo o tempo. A luta do povo espanhol, contando com o apoio e a solidariedade das forças democráticas e progressistas do mundo, acabará triunfando.

Os comunistas do Brasil tudo farão para somar seus esforços aos de outros setores da coletividade brasileira visando mobilizar a opinião pública em favor dos condenados espanhóis — combatentes da liberdade e da independência nacional, do progresso social. Diante das sentenças revoltantes dos tribunais fascistas, os verdadeiros democratas hão-de manifestar sua repulsa e contribuir com sua parcela de luta para deter o braço dos verdugos.

Fraternalmente

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

19 de setembro de 1975